

# FREI ROVÍLIO – 35 ANOS DE CONVIVÊNCIA

Luis Alberto De Boni\*

Em meus tempos de seminário, na década de 1950, conheci o seminarista Rovílio Costa de vista e de nome, pois, como ele se encontrava quatro turmas à frente da minha, nunca residimos simultaneamente na mesma casa de formação. Em 1968, pouco antes de minha partida para a Europa, ele foi transferido para Porto Alegre, onde me encontrava; veio a fim de ser Diretor do Curso de Teologia e tive então ocasião de lhe conhecer melhor a pessoa. Quando voltei, no final de 1974, modificou-se nosso relacionamento. Ele, como frade, eu, como ex-frade. Sempre que eu fazia um churrasco, ele era convidado. Em muitos domingos, à tarde, meus filhos, ainda pequenos, pediam para ir até o ‘tio Rovílio’, a fim de visitar a Mima, uma gata que havíamos dado a ele. Meus irmãos e familiares também se aproximaram dele. O frei passou a ser de nossa família: aconselhamento, casamentos, batizados, formaturas, exéquias, etc., eram sempre com ele.

Como ele, na década de 70, começara a editar livros, tornei-me, aos poucos, seu colaborador. Em temas de imigração italiana, o primeiro trabalho conjunto foi o *Nanetto Pipetta*, em 1975; na área da Filosofia e Teologia, foi a *Suma Teológica*, planejada desde 1978 e editada em 1980-1981<sup>1</sup>. E assim prosseguimos até que ele nos deixou.

\* Gabinete de Filosofia Medieval/Universidade do Porto.

<sup>1</sup> No ano de 2000 foi publicada uma coletânea em homenagem a Frei Rovílio. Nela se acha um texto meu, intitulado “Vinte e cinco anos de convivência”. Esse texto complementa alguns dos tópicos aqui tratados (Cf. A. Suliani, org., *Etnias e Carismas – Poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 672-682). Em *Etnias e Carismas*, com quase 1.200 páginas e uma centena de artigos, cerca de trinta trabalhos são depoimentos sobre Frei Rovílio. Entre eles, pela riqueza de conteúdo, cabe ressaltar o de Fernando Becker: “Frei Rovílio Solidariedade” (p. 442-456).

Teocomunicação	Porto Alegre	v. 39	n. 2	p. 236-252	maio/ago. 2009
----------------	--------------	-------	------	------------	----------------

Nesses anos todos, conheci algumas facetas dele, talvez ignoradas por muitos. Comentamos, geralmente, o incentivo que ele deu a jovens autores, as mais de duas mil obras editadas, as mais de 20 bibliotecas que fundou, as feiras de que foi patrono, a importância que teve para a cultura gaúcha, o significado dele para os estudos das etnias no Rio Grande do Sul e no Brasil, o empenho em fazer com que o dialeto italiano falado no sul do Brasil fosse reconhecido oficialmente como língua materna tanto no Brasil como na Itália. Tudo isso é verdade.

\* \* \*

Mas frei Rovílio foi muito além do que geralmente dizemos. Assim, por exemplo, ele não era apenas editor, ele era a própria editora que, graças a isso, operava com custos muito baixos. Recebia obras, examinava-as, fazia revisão, encaminhava para a gráfica e as distribuía. Algumas vezes, para não ficar o nome dele na apresentação, nas orelhas e na quarta capa, ele redigia o texto das orelhas e colocava meu nome, pedindo depois para que eu desse uma olhada no que ele escrevera. Também aconteceu outras vezes, em edições de livros de Filosofia, que eu redigi o texto das orelhas e coloquei o nome dele. Com o tempo, percebi a fineza de trato dele nestes casos: quando eu dava o nome ao texto redigido por ele, costumava corrigir algum erro de digitação, mudar alguma palavra etc., e dizia-lhe: “Está bom o texto”. Quando acontecia o contrário, e ele lia o que eu havia escrito, o comentário era sempre: “Eu não faria melhor”. Convém acrescentar que, umas poucas vezes, surpreso, encontrei meu nome na orelha de um livro e então ele se explicava dizendo: “Desculpe, esqueci de avisá-lo”.

Até poucos anos atrás, quando então a Mari Bisatto Dorneles, sua sobrinha, começou a auxiliá-lo, ele mesmo atendia os pedidos e fazia os pacotes. Por vezes eu o encontrava nesta faina e ia ajudá-lo a empacotar, pesar e selar; depois ele pedia ao Prof. Antônio Suliani, seu fiel escudeiro e proprietário de uma firma de serviços gráficos, que providenciasse para levar os pacotes ao correio. Para embalar os livros havia um rolo de papel, mas também havia as caixas de papelão que ele recolhia ou que buscava junto ao armazém onde fazia compras, havia os pacotes de encomendas recebidas que ele reutilizava. Seguido eu levava para ele algumas caixas de correio ou envelopes forrados, e dizia-lhe que era a contribuição para seus projetos editoriais, e ele, invariavelmente, me respondia em italiano: “*Si, per avviare una ricerca*

*sopra il sesso degli angeli*” (para financiar uma pesquisa sobre o sexo dos anjos).

Com tantas publicações surgiu também a curiosidade de muitos, que desejam conhecer a editora. E qual não era o espanto quando se deparavam com as instalações dela. Ele comentava com humor a reação de algumas pessoas. Nos tempos em que morava no convento, ao lado da Igreja de Santo Antônio, seu quarto era um pouco maior, tinha banheiro e ainda não estava repleto de livros. E a editora era uma escrivaninha, tendo sobre ela uma máquina de escrever Remington, lá da década de 40. Quando se mudou para a Veríssimo Rosa, a editora começou a contar com uma sala de uns 20 metros quadrados, repleta de livro, tendo no centro uma escrivaninha e a gloriosa máquina de escrever. Após o Prof. Suliani e eu insistirmos por muito tempo, ele se convenceu e comprou um computador, do qual logo descobriu a utilidade. Sua sobrinha e secretária também recebeu logo o seu, e eles ficavam frente a frente. Rovílio não dominava muito bem a engenhoca e, em caso de aperto, apelava para Mari ou para o Prof. Suliani.

Por pouco que alguém convivesse com ele, percebia-lhe logo a extraordinária capacidade administrativa. Devido a isso, eu costuma dizer a ele que os “Costa” italianos deveriam ser judeus fugidos da península ibérica, e essa observação lhe acariciava o ego. Lembro-me bem de quando planejamos a *Suma Teológica*, com seus 11 volumes em formato ofício, com um total de mais de 5.500 páginas. Todas as semanas fazíamos cálculos sobre o número de páginas e o custo da obra. Entrementes eu ia fazendo as correções e supervisionando a montagem do texto. Um belo dia, através de nosso amigo, Lídio Peretti, então gerente da Editora Vozes em Porto Alegre, aterrissaram nessa cidade Frei Leonardo Boff e outros membros do Staff da editora. Tendo eles visto o projeto, ficaram entusiasmados e disseram ao frei Rovílio que seria preciso solicitar recursos de instituições católicas europeias. Ao voltarmos para casa ele simplesmente me comentou: “Não vamos pedir auxílio para ninguém, nós somos capazes de andar com as próprias pernas”. No final, montou um esquema, aprovado pelos co-editores, Leopoldo Boeck Filho, da Editora Sulina e Prof. Abrelino Vazzatta, Reitor da Universidade de Caxias e, graças a esse esquema, o empreendimento se pagou já a partir do segundo volume, pois, de saída, foram vendidos 600 exemplares do primeiro volume. Em 18 meses os 11 volumes estavam todos impressos e pagos. Para sua satisfação, contra o pessimismo de quem julgava que não havia mercado para tal obra, a

edição de dois mil exemplares começou a esgotar-se em pouco mais de três anos, graças, em grande parte, à capacidade de distribuição da loja da Vozes, dirigida pelo Lídio.

Dando um salto no tempo, recorro fatos dos últimos anos, quando estive envolvido em diversas publicações de colegas de outros estados ou mesmo do exterior e acabei servindo de intermediário. Geralmente eram livros que contavam com algum apoio financeiro. Frei Rovílio me perguntava sobre a obra, calculava os custos, escrevia ou telefonava ao autor ou organizador e, na hora do acerto de contas, solicitava-lhe: “Por favor, deposite a quantia na conta do Prof. Suliani” (que respondia pela montagem do texto), ou: “Favor envie o cheque para Egídio Pellizzato” (dono de gráfica Evangraf). Com esses dois cidadãos ele tinha uma espécie de conta-corrente e me explicava: “Assim já pago os custos do livro x, que vou enviar a ele”, ou: “Com isso liquidado a dívida do livro que ele me entregou na semana passada”. O último desses casos aconteceu no ano passado (2008), ao publicarmos o livro *João Duns Scotus 1308-2000* – um conjunto de textos de diversos autores. Houve vários co-editores ou patrocinadores da obra. Quando os textos estavam corrigidos, levei-os a ele, dizendo-lhe que precisaríamos do livro para o dia 5 de outubro. Ele calculou o número de páginas e, tomando o telefone, perguntou ao Egídio Pelizzato quantos dias precisaria para imprimir um livro de 400 páginas a ser entregue no dia 5 de outubro. Com a resposta, perguntou então ao Antônio Suliani de quanto tempo precisaria para montar a obra e fazer as correções necessárias. Tudo correu como previsto e, no dia aprazado, lá veio ele com as últimas ordens: “Já combinei que o pagamento dos livros que irão para Portugal será feito por um amigo meu que vai para lá; ele depositará em reais na conta do Suliani e receberá em euros quando chegar no Porto. Os livros destinados à PUC serão trocados por livros e você me ajude a fazer a lista do que convém pedir em permuta. Os que vão para a Universidade de Bragança Paulista, a Mari avisou o Pellizzato que fature diretamente para Bragança. Os que vocês vão levar para Buenos Aires, faça o favor de buscá-los na gráfica e guarde em sua casa. Os meus, faça o favor de trazê-los aqui quando voltar da Argentina”.

\* \* \*

Ele possuía vocação para editor. Por mais de uma vez me disse, ao publicar um livro que, evidentemente, não seria um best-seller, que tal livro não teria grande saída, mas as vendas sempre pingariam, e “a gente

precisa de muitas obras como essa, pois no conjunto elas dão sustento à editora.” Também não se importava que outros se interessassem por sua área de publicações. Lembro-me bem de quando seus amigos Martins Livreiro e Roque Jacoby se voltaram para a edição de obras sobre o Rio Grande do Sul, e ele, que entusiasmara o Martins a tanto, aliviado me comentou: “Que bom que o Martins e o Roque se dedicam a estes assuntos, pois assim posso me ater mais à história da imigração”. E seu interesse pela imigração italiana foi longe: logo que foi lançada a nova edição do *Nanetto Pipetta*, em 1975, ele me disse: “Em 2025, quando comemorarmos os 150 anos da imigração, comemoraremos o lançamento do quinquagésimo livro sobre ela”. Esses 50 livros estavam publicados já em 1971!

Rovílio lia minuciosamente e corrigia o que publicava. Um dia, pouco antes de nos abandonar, lendo um texto dialetal, me disse: “Sabe, esta vai ser a primeira vez em minha vida que censuro um texto,” e cortou um parágrafo. Na verdade, tratava-se de algumas frases chulas e impublicáveis.

Um caso à parte foram os livros dos quais ele foi autor. Sua capacidade de trabalho era fora do comum e foi assim até o final da vida. Os grossos volumes com cerca de mil páginas, onde publicou o levantamento do nome dos povoadores de diversas localidades do Estado, geralmente as de imigração italiana, eram fruto de pesquisas em diversos arquivos, que foram sendo armazenadas durante anos. Ele copiou os dados dos arquivos do Estado e dos municípios; visitou os registros das cúrias diocesanas e das paróquias; valeu-se de inúmeros documentos, como, por exemplo, as listagens provenientes do Arquivo Nacional, onde estavam relacionados os imigrantes embarcados na Europa; anotou um por um todos os exemplares de 80 anos de publicação do semanário *Correio Riograndense*, no qual os óbitos costumavam indicar a localidade italiana de onde provinha a família do falecido; examinou cerca de mil entrevistas que alunos meus, de tempos em que lecionei em Caxias do Sul, fizeram com velhos filhos de imigrantes. Entre outras fontes, dispunha também de diversas caixas com anotações e cópias de arquivos comunais e eclesiásticos trazidas da Itália, onde, na década de 80, permaneceu por quase um ano pesquisando. Ele mesmo transcrevia esses documentos para o computador, tendo, seguido, que se valer de lupa para decifrar casos de difícil leitura; algumas vezes, alguém o auxiliava nas transcrições. Depois, redigia os textos, corrigia a obra e fazia os índices. E concluído um volume se lançava a outro.

Seu último trabalho, que ficou inconcluso, foi a projetada edição em sete línguas do *Nanetto Pipetta*, um romance dialetal publicado no *Correio Riograndense* em 1924-1925, e que conta com 10 edições desde então. Um dia ele sorriu satisfeito, quando, ao me mostrar o que estava fazendo, comentei-lhe que, lá pelo ano 200 de nossa era, Orígenes fizera a *Héxapla* da Bíblia (a edição em seis línguas, colocadas em colunas, lado a lado) e ele, agora, estava fazendo a *Héptapla* do *Nanetto*.

Olhando o material que tinha à disposição e pensando em projetos futuros, acrescentou: “Tenho trabalho para mais 40 anos!”.

Entre as obras que redigimos em co-autoria, uma delas me permitiu ver a agudeza das intuições de Rovílio. Certa vez fui chamado pelo frei Aldo Colombo, Ministro Provincial dos frades, para comparecer lá onde residia frei Rovílio. Ele fora meu colega. Ao chegar, nos saudamos e ele entrou logo no assunto: os capuchinhos haveriam de comemorar 100 anos de chegada ao Rio Grande do Sul e Rovílio e eu deveríamos escrever a história desses 100 anos. Depois que ele saiu, comentei: “Reparou como ele manda em mim como se eu ainda fosse frade?” Brincadeira a parte, começamos logo a trabalhar e recebemos muitos documentos da direção da Província. Num primeiro momento pensamos em dividir a história em quatro partes: a) o início; b) o crescimento; c) a crise; d) os novos tempos. Logo percebi que ele não conseguia engrenar nesse esquema. Então, certa feita, na volta de um congresso sobre imigração em Santa Catarina, ele me disse mais ou menos o seguinte: “Sabe, nós não vamos seguir este projeto. Com ele, vamos interpretar fatos, receber críticas de frades que dirão que não foi bem assim, etc. Nós vamos nos valer dos documentos que temos e contaremos a história de cada comunidade através deles, e nada mais”. Foi o que fizemos. Ele arcou com a maior parte do trabalho. Publicamos tudo o que encontramos, mesmo que, por vezes contivesse crítica aos frades. Só excluímos o que viesse diretamente em desabono de alguém. Combinamos também que levaríamos para o túmulo alguns fatos dos quais tivemos conhecimento. Sem falsa modéstia, sou de opinião que *Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul 1896-1996* (EST/Correio Riograndense, 1996) é um dos mais importantes livros da História Eclesiástica de nosso Estado.

\* \* \*

Na agitada vida intelectual que levou, não se podem ignorar os cerca de 20 anos em que foi professor na Faculdade de Educação da UFRGS, algo de que sempre se orgulhou. Algum tempo após o ingresso,

por graves problemas de saúde, foi aconselhado pelo médico a não ministrar aulas. Então, como não podia admitir que o considerassem como inútil, ou algo semelhante, e como não lhe passava pela cabeça a ideia de se aposentar precocemente, criou uma livraria na Faculdade e da Faculdade, livraria essa que se tornou um centro de irradiação de bibliografia na área de ciências humanas e local preferido de encontro para os professores. Com o lucro da venda de livros, foi-lhe possível sustentar a revista *Educação e Realidade* que, durante anos, ficou sob sua direção e que, graças a essas vendas, se auto-sustentava. Ele, que nunca teve carro, ia geralmente de ônibus para o trabalho e, como contava com alguns colegas que gostavam do vinho que os frades vendiam, não era raro vê-lo descendo do ônibus carregando um garrafão em cada braço. Aposentado, continuou trabalhando gratuitamente na direção da revista e na livraria, tendo como projeto transformar a esta em centro de referência em questões de educação e, de fato, começou a receber encomendas de todo o país. Um belo dia, a livraria foi fechada e ele, sem trabalho, abandonou a Faculdade. Nunca me contou por qual motivo isso aconteceu; mais tarde, por colegas dele, fiquei sabendo das picuinhas, típicas do mundo acadêmico, que levaram a tanto.

\* \* \*

Seu engajamento na história da imigração italiana acarretou-lhe uma série de outros compromissos. Era convidado para conferências e congresso por todo o Estado, pelo Brasil a fora e também na Europa. Por mais de uma vez fomos juntos em meu carro e ele, ao ser perguntado sobre custos, solicitava que nos pagassem tão-somente o hotel (nunca se lembrou que meu carro era movido a gasolina!). Certa feita, em uma comunidade não muito abastada de Santa Catarina, pernoitamos em um pequeno hotel e, quando me levantei pela manhã, ele já tinha pago a diária, por achar que seria pedir de mais a pessoas de poucos recursos e, naturalmente, arqueei com o combustível. Escrevia para diversos jornais do Brasil e do exterior sobre o assunto e mantinha programas em rádios. O Correio Riograndense, de Caxias do Sul, de propriedade dos Freis Capuchinhos, vivia repleto de textos sobre os temas de imigração, saúde popular, etc., que ele redigia ou que solicitava de outros. E, por mais de uma vez, ao tocar o telefone, me dizia: “É a Rádio Veranense”, ou “É a Rádio de Serafina Correa”. Também era solicitado a cada passo para dar informações a pessoas que desejavam fazer a cidadania italiana, ou que tencionavam fazer a árvore genealógica da família, ou que

pretendiam visitar a terra de seus antepassados. Por esse trabalho, e pelas correspondências que enviou, jamais cobrou um centavo. Um dia, encontrei-o radiante com um monte de caixas que acabava de receber da Itália. É que, para seu projeto sobre as origens das famílias, conseguira junto a seu amigo, Dr. Marcello Paccini, Diretor da Fondazione Giovanni Agnelli, a lista telefônica de todas as localidades italianas.

\* \* \*

Tudo isso era feito por uma pessoa de saúde frágil, muito mais frágil do que se pode supor. Lá pelo final dos anos 70 ou início dos anos 80, como, por causa das edições, me encontrava com ele quase todas as semanas, certa feita percebi que ele se encontrava acamado, gemendo, com dificuldade de falar. Perguntei-lhe se queria uma sopa ou uma outra comida leve e ele disse que não. Estranhei aquela atitude e voltei a encontrá-lo mais vezes na mesma situação. E então ele me contou que havia sido operado de um câncer de garganta e que estava fazendo radioterapia. Como vi que ele não melhorava, um dia me dirigi à Cúria dos Freis Capuchinhos, em Caxias do Sul e fui atendido pelo meu ex-colega, frei Itamar Vian, que poucos anos depois se tornou bispo. Falei-lhe do caso e, cerca de um mês depois, frei Itamar veio me dizer que falara com o interessado, mas esse lhe dissera que não era bem assim e que estava bem melhor. Anos depois – e não sei como entramos no assunto –, frei Rovílio me contou que, no dia em que fora operado, o cirurgião chegou à sala, pensando, por engano, que o frei já estivesse anestesiado, e disse então aos assistentes que não deviam ter preparado o paciente, pois sabiam que a cirurgia seria inútil e nada mais havia a fazer. E o frei comentou para mim: “Veja só, eu estou vivo e o doutor já faleceu há 20 anos”. Mas desde aquela cirurgia, ele teve sempre que se cuidar, precisando, por exemplo, fazer tratamento especial para uma simples obtenção de dente. – Não bastasse isso, tinha problemas cardíacos e necessitaria fazer um transplante de válvulas, mas era alérgico à anestesia. – Enfim, uma diabete incontrolável o incomodava há muito tempo, a ponto de, por vezes, obrigá-lo a ficar em repouso. Como sabia que ele sempre fazia a sesta, e seguido se levantava e logo saía para compromissos que tinha na cidade, por vezes eu telefonava para a Mari, perguntando se ele já tinha levantado, pois tinha algo a tratar com ele; e mais de uma vez ela me respondeu dizendo que ele não estava bem e continuava repousando (voltarei mais à frente à diabete).

\* \* \*



Mas Frei Rovílio foi muito mais que um acadêmico ou um pesquisador. Ele foi acima de tudo um frade capuchinho, imbuído dos ideais de São Francisco.

Sua vida era de uma simplicidade única. No seu quarto – no qual, não é preciso dizer, não havia banheiro –, no quarto, pois, que dava para uma sala com pilhas de livros, havia uma velha cama de ferro com um colchão que deveria ter algumas décadas de existência. Há pouco comprara um novo roupeiro, porque o antigo estava caindo aos pedaços. Por baixo da cama, nos últimos tempos, costumava colocar pacotes de livros, porque não havia mais espaço para eles na residência. As roupas do dia-a-dia eram franciscanamente surradas. Nos últimos meses, à porta do quarto encontrava-se um presente valioso: uma toalha vermelha com o emblema do Inter, seu time do coração.

Para variar, vivia cercado de gatos, aos quais dava nomes como ‘Salústio’, ‘Sinforosa’, “Cunegundes”, “Charles Darwin” e outros. E cada amigo que viajava sentia-se na obrigação de lhe enviar do exterior algum cartão postal com felinos, que seria colocado nas paredes da sala de refeições. – Também achava tempo para cuidar de uma pequena horta e para inventar alguma coisa na cozinha. Nas férias de verão, quando ficava sozinho, gostava de ter amigos para as refeições que ele mesmo preparava. Um dos que o frequentavam era o italiano, exportador de carnes, Antônio Alberti, que prezava as verduras da horta. Penso que por esse motivo Rovílio o chamava de “Cavolo” (‘couve’, em italiano). Alberti era amigo do peito. Seguido enviava o motorista para levar o frei a algum lugar; também corrigia textos dele ou os traduzia para o traduzia para o italiano quando redigidos em português. Juntos viajaram duas ou três vezes à Itália para tratar de interesses dos ítalo-brasileiros ante o governo da Península. Qual não foi o impacto que Antônio Alberti sofreu quando, como de costume, foi visitar o amigo na manhã do dia 13 de junho e, ao lá chegar, foi informado que ele acabava de falecer!

– Frei Rovílio era um homem da Igreja. Se tivesse vivido na época das guerras religiosas, seguramente diriam que era um ardoroso papista. De fato, ao saber que alguma cerimônia presidida pelo papa seria transmitida pela RAI, tomava as devidas providências para assisti-la. Caso fosse muito cedo, devido ao fuso horário, solicitava a Dona Rose, sua infatigável motorista, que telefonasse de casa para ele, pois temia não se acordar a tempo. Geralmente comentava comigo as palavras do papa e quando, por vezes, eu dizia que não concordava com certas ideias do sumo

pontífice, ele ficava calado. Verdadeiro filho de São Francisco, jamais ouvi dele uma palavra de discordância ante os pronunciamentos papais.

Por outro lado, certas atitudes de meu amigo por vezes me desconcertavam. Assim, por exemplo, ao arrepio de decisão da Santa Sé, ele costumava atender confissões ao telefone. Eram doentes e/ou idosos que não podiam procurar um padre. Por mais de uma vez estávamos falando e, de repente, alguém ao telefone pedia para se confessar. Eu saía e esperava até que a conversa acabasse. Um dia, ao chegar, vi que ele estava confessando alguém. Quando voltei, perguntei a ele se não estava agindo contra uma norma da Igreja, ao que ele me respondeu: “É um senhor de idade, no interior de uma cidadezinha de Santa Catarina. Lá não há padre e, quando o pároco aparece para rezar a missa, esse velhinho não se confessa porque não se dá com o padre. Você acha que Deus está preocupado com esta história de, num caso como este, alguém se confessar por telefone?” - Doutra feita, uma senhora divorciada, conhecida dele e de mim, católica praticante, veio desolada falar comigo, porque o papa dissera que os divorciados deveriam ser afastados da comunhão. Sugeri-lhe que fosse falar com o frei. Dias depois encontrei-a e contou-me que o frei lhe dissera que a Igreja se preocupa muito com o sacramento do matrimônio, mas que a norma primeira de nossas ações é nossa consciência. E ela, desde então, lépida e feliz, de sã consciência voltou a comungar. Uns dias após o falecimento do frei, encontrei-me com essa senhora e alguns outros conhecidos e ela voltou a recordar este fato. – Frei Rovílio e o Rabino Kurt Katz tornaram-se conhecidos pelos muitos casamentos entre judeus e católicos que abençoaram, não só em Porto Alegre, mas em várias localidades do interior e mesmo fora do Estado. Certa feita, há não muito tempo, a cerimônia foi mais solene e alguém comentou o caso com o arcebispo metropolitano, Dom Dadeus Grings. Este, que era amigo do frei e o tinha como editor, encontrando-o, perguntou-lhe se era verdade o que lhe haviam contado. Ao ouvir que era verdade, disse-lhe: “Mas por que o senhor não veio falar comigo a respeito?” Rovílio respondeu-lhe: “Porque sabia que o senhor não me daria autorização”. – Aconteceu algumas vezes que, num final de semana, teve que atender sozinho à paróquia onde trabalhava mas, como sofria de uma diabete incontrolável, não estava se sentindo bem. Então telefonava para mim e dizia: “Por favor, venha à missa, porque não estou bem e, se for preciso, você haverá de continuá-la em meu lugar” (não é necessário dizer que Jesus providenciou para que isso nunca acontecesse). – No ano passado (2008), foi constatado que eu estava

com um câncer linfático. De início, o fato pareceu mais grave do que haveria de ser. Fui me confessar com ele e, após comungar, ele me disse: “Leve algumas hóstias consagradas para casa, pois não poderei ir todos os dias levar-lhe a comunhão”. Ao perceber minha reação, acrescentou: “Não se preocupe se Jesus ficar sozinho em seu quarto, pois aqui na capela também ele fica sozinho”. – Um último fato. Por motivo especial, lá se vão anos, ele foi rezar missa em uma casa de família, onde se encontrava também um octogenário sacerdote que se havia laicizado e casara. A grande mágoa do ancião era não poder mais rezar a missa. Pois bem, naquele dia, antes de iniciar o ato religioso, Frei Rovílio o chamou e disse que gostaria muito que eles dois oficiassem juntos a cerimônia. E assim aconteceu. Devo confessar que eu mesmo, que sempre me julguei aberto a tantas coisas, me senti um pouco atordoado. Frei Rovílio, ao contrário, veio comentar: “Viu como ele ficou feliz?” Creio que nunca como naquela ocasião compreendi tão bem as palavras de Jesus: “O homem não foi feito para o sábado, e sim o sábado para o homem”.

\* \* \*

De seus tempos de diretor do Curso de Teologia e superior do convento, há uma história que não pode ser esquecida. Foi em 1975. Um jovem frade, que não se adaptara à vida do teólogo, a seu conselho trabalhou durante alguns anos em paróquias e, concomitantemente, fazia as leituras do curso teológico. Um belo dia voltou a Porto Alegre e solicitou a ordenação sacerdotal. Foi-lhe então observado que ele não fizera o curso regular. Sugeriu-se mesmo que ele desistisse da vida religiosa. Frei Rovílio discordava de tudo. Procurou-me, então, com uma proposta: eu, que não era mais frei capuchinho, indicaria uma série de livros na área de Ecclesiologia, Cristologia, Moral, Novo Testamento etc., a serem lidos pelo jovem frei. Em data marcada, ele, com a presença dos colegas, prestaria exames de cada matéria ante os examinadores Costa e De Boni. Ele, Rovílio, se responsabilizava pela legalidade do ato; eu, pela qualidade intelectual do aluno. Ainda hoje recordo a competência com que aquele rapaz comentou o livro de R. Schnackenburg sobre o Evangelho de São João, e a obra de H. Küng sobre a Igreja. Graças a esses exames concluiu os estudos, foi ordenado sacerdote e logo seguiu para Roma, a fim de fazer o doutorado, o Frei Luis Carlos Susin.

O modelo foi aplicado a outros confrades, sendo que, em alguns casos, como no do Frei Lori Vergani, Rovílio sozinho tomou os exames.

Não contente com suas atividades pouco ortodoxas entre os frades, ele, que em Viamão conheceu muitos seminaristas diocesanos, tomou a defesa de um, da Diocese de Caxias, o qual também não se enquadra de todo nos esquemas tradicionais. Frei Rovílio tratou longamente do assunto com D. Paulo Moretto, que acabou contando, em seu clero com o padre Roque Grazziotin. Seguiram-nos os padres Delvino Marin e Agostinho Mazzotti, e aí houve, ao que me consta, mais um caso de “curso à distância” de Teologia, no qual, aliás, não estive envolvido. Um belo dia, porém, o padre Roque, apesar da oposição do bispo, se envolveu na política e acabou eleito deputado estadual. Logo após as eleições, encontrando-me com Rovílio, disse-lhe: “Imagino com D. Paulo se arrependeu de ter aceito sua sugestão de ordenar o padre Roque”. Ele, que estava sentado, levantou os olhos para mim, que estava em pé, e respondeu-me com aquele sorriso malandro que falava mais que as palavras.

E como estou falando de coisas da Igreja, permito-me contar dois fatos acontecidos com ele. O primeiro deles: Um dia ele me disse: “Será que você poderia auxiliar, por um bom período, o frei X, na administração do dia-a-dia da editora, pois estarei fora por algum tempo?” Disse-lhe que sim e perguntei-lhe para onde iria. E aí veio a explicação. Os freis capuchinhos teriam, naquele ano, eleições para a direção da Província e o nome de Frei Rovílio era comentado para ser um dos conselheiros. Como ele jamais quis assumir altos cargos de direção, arrumou uma viagem de pesquisa na Itália para que se esquecessem dele. E foi o que aconteceu.

Quanto ao outro caso, não sei se aconteceu ou se foi brincadeira dele. Certa feita me contou que fora sondado pela Nunciatura Apostólica para tornar-se bispo. E ele respondeu que sim, que aceitava, e acrescentou que, como as dioceses, geralmente, tinham um grande déficit de sacerdotes, ele haveria de levar os ex-padres que estivessem dispostos a auxiliá-lo. Não sei se disse isso para mexer comigo, ou porque havia mesmo recebido o convite. E nunca mais perguntei a ele a respeito. Parece-me que a segunda hipótese é a verdadeira. O certo é que não foi sagrado bispo e nem sondado novamente para ocupar tão importante cargo.

\* \* \*

– Como verdadeiro franciscano, Rovílio tinha um amor de predileção para com os pobres e os necessitados. Logo depois de

ordenado sacerdote, foi enviado para ser professor na então Vila Ipê, onde os capuchinhos tinham – e ainda têm – um seminário. Não vou falar do projeto de estudo de grego, que montou com os alunos, e do qual redundou um levantamento, não publicado até hoje, da origem grega das palavras que iam sendo encontradas nos manuais. Mas como auxiliava na paróquia, certa vez encontrou, numa capela, um grupo de agricultores trazendo em uma maca um amigo que estava muito mal. Tendo sabido de que se tratava, foi procurar ervas para fazer um chá digestivo e, aos poucos, o doente foi melhorando da congestão. Desde então, se dedicou ao estudo das propriedades das ervas. Anos depois, residindo já em Porto Alegre, descobriu em André da Rocha, localidade próxima a Nova Prata, um senhor semi-analfabeto, chamado Secundino Schmidt, que receitava chás. Visitou-o e entrevistou-o várias vezes e desses encontros surgiu o livro *A cura pelo chá*, do qual, em várias edições, imprimiu mais de 200 mil exemplares, distribuídos Brasil a fora, inclusive pelos frades que iam pregar missões. Percebendo a importância dessa medicina, e vendo que havia uma longa tradição familiar de tratamento por ervas, publicou diversos outros livros sobre o tema e dirigiu, no *Correio Riograndense*, durante anos, a coluna “Sabedoria Popular”, onde publicava receitas enviadas por leitores das mais diversas proveniências. – E quem passar pela frente da residência dos frades, na Rua Veríssimo Rosa, poderá ver os canteiros com ervas medicinais que ele plantou na calçada, para que as pessoas as tivessem ao alcance da mão.

Naqueles anos em que trabalhou em Vila Ipê, também se empenhou no acompanhamento dos agricultores aos quais ajudou a criarem o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Depois, vindo a Porto Alegre, discutiu com os poucos estudantes de Teologia que restaram em certo período, qual seria a melhor forma de viverem a vida franciscana, e juntos concluíram que seria interessante trabalhar com os presos. Por isso, entre 1969 e 1976, viveu boa parte de seu tempo no presídio de Charqueadas, junto aos detentos, na vila, onde organizou uma biblioteca e várias hortas, além de orientar trabalho em grupos, com a intenção de dar dignidade aos presos, muitos dos quais conseguiu retirar da prisão para auxiliarem em casas religiosas e outras instituições. Frei Rovílio se orgulhava de ter sido confidente deles, a ponto de, certa vez, lhe terem contado que haviam montado um plano de fuga, o qual, por sinal, se concretizou. Doutra feita, estava à janela de casa e chamou os estudantes para verem uma mulher que ia lá na frente: ele a havia reconhecido, pois era um preso que, tendo encontrado trajes femininos, ia fugindo. Mas a

história que mais repetia foi a da perda do segredo do cofre da prisão, quando da mudança de diretor. Consultado a respeito de como poderiam abrir o cofre, deu uma sugestão: “Mas por que não chamam o preso X, que é especialista nisso?” Depois de relutar, o novo diretor aceitou a proposta e o preso, mostrando sua competência, encostou o ouvido no cofre e ia, aos poucos, e com ares de mágico, movendo a chave de códigos. Em poucos minutos o caso estava resolvido. – O trabalho com os detentos se prolongou depois, durante anos, no Presídio Central, em Porto Alegre.

\* \* \*

Permito-me acrescentar a esses casos pitorescos dois outros, acontecidos durante viagens à Europa. Certa vez ele me contou, ao voltar de uma viagem a convite da Fondazione Giovanni Agnelli, que estando a pesquisar em lugarejos nas cercanias de Turim, começou a sentir dor na parte inferior das costas. O caso foi piorando e, numa certa noite, viu-se forçado a procurar a emergência de uma clínica. Por sorte estava de plantão um nefrologista que, ao examiná-lo, lhe disse: “Mas o senhor recebeu uma violenta batida na região dos rins!”. O frei respondeu dizendo que isto não havia acontecido. Mas, como o médico pediu que recordasse o que ocorrera em dias passados, ele se lembrou que, durante o voo do Brasil para a Itália, a maioria das pessoas dormia descontraída, pois a noite estava serena e a aeronave não encontrava turbulência. Eis senão quando o avião teve uma queda repentina e violenta. Ele dormia com o cinto da poltrona afivelado, a seu lado, porém, uma dama de avantajadas proporções físicas não fizera o mesmo e, sem o menor aviso, caiu no colo do frei. Esta foi a causa da nefrite. Ri do caso e, depois, tirando uma piedosa conclusão, disse-lhe: “Veja bem, Rovílio, como Jesus cuida de seu celibato: se você não aguenta ter uma mulher durante algumas horas de voo, o que seria se tivesse que suportá-la uma vida toda?”.

O segundo caso foi típico dele. Certa vez, estando na Europa por um período um pouco mais longo, resolveu ir à China em uma excursão de italianos. Lá chegados, se desentendeu logo com alguns deles, que se queixavam por não encontrar nenhuma pizzaria, e sugeriu-lhes que voltassem logo para a Itália, onde as havia em toda a esquina. Depois, como não poderia deixar de ser, visitou a grande muralha, a Praça da Paz Celestial e mais alguns pontos, mas não suportou as outras visitas turísticas costumeiras e, tendo feito amizade com o guia, que se

chamava Huan, combinou com ele que o deixasse ir por conta a outros lugares. Huan concordou e, todas as manhãs, dava-lhe um papelzinho, com caracteres chineses, para que pudesse, no final da tarde, indicar ao taxista qual hotel a que desejava voltar. As visitas dirigiram-se, como não poderia deixar de ser, aos bairros populares, onde ninguém falava outra língua além do chinês. E lá se ia ele, falando não sei que língua e visitando principalmente os restaurantes, onde também se alimentava. Anotou quais vegetais eram os mais vendidos e como eram preparados (geralmente apenas refogados). Mas, acima de tudo, divertiu-se com as carnes. Contava ele que a gente entrava no restaurante e lá havia cães, cobras, peixes, e outros animais, todos vivos, e a gente indicava o que desejava comer. Não me recordo se ele contou que comeu carne de cachorro, mas de cobra sei que comeu. Dizia ele: “A gente escolhe a cobra e então o vendedor a prende e corta a cabeça, que separa para fazer remédio; depois tira o couro, que também tem uso medicinal; enfim, coloca a carne, por alguns momentos, em água quente, e a gente a come quase crua, do mesmo modo como come os peixes”.

\* \* \*

Esse voltar-se para os mais carentes, esse ensinar a todos a dizerem sua palavra, esteve por trás de apoio que deu a jovens autores, dos quais, geralmente, publicou o primeiro livro (e eu fui um deles). Nós facilmente recordamos os acadêmicos que por ele foram editados, mas é preciso ter presentes os muitos Secundinos Schmidt que promoveu. Cito três nomes: Alice Gasparin, uma velha professora primária da década de 1920, que contou sua história em *Vão simhora*; Antonio Duccati Neto, também antigo professor primário, de quem publicou *A vida nas colônias* e *O grande Erechim e sua história*; Júlio de Castilhos Mendes Petinnelli, um ex-apanado, que contou seus anos de prisão em *Um pedaço de céu ardendo no inferno*. Inúmeros municípios, vilas ou capelas do Estado tiveram sua primeira história contada por amadores, a quem ele incentivou. Aliás, a grande obra de Frei Rovílio foram os três volumes de *Assim vivem os italianos – Così vive i taliani*. Frei Arlindo Battistel é co-autor dos volumes e diversos estudantes capuchinhos ajudaram nas entrevistas. O trabalho compõe-se basicamente de dezenas e dezenas de entrevistas que fez com os poucos imigrantes então ainda remanescentes e com os velhos filhos de imigrantes. Enquanto muitos (e eu era um deles) liam e redigiam obras interpretativas sobre a imigração, ele virava o mundo de pernas para cima,



certo de que a história da imigração devia ser escrita, primeiramente, a partir da vida de trabalho e de sofrimento daqueles que não tinham história, daqueles cuja única forma de expressão tinha sido, até então, o silêncio.

– Homem sem ódios, quase não se queixava; raramente tinha uma palavra de amargura contra alguém; acabava rindo dos ladrõezinhos que por vezes andaram entrando na residência, e era incapaz de negar um prato de comida aos pedintes.

Trabalhou durante 20 anos como auxiliar de Mons. Urbano Zilles na paróquia de Nossa Senhora do Monte Líbano e este, por mais de uma vez me comentou, e há poucos dias repetiu: “Sabe que frei Rovílio e eu nunca tivemos uma desavença nestes 20 anos?”. Exigente para consigo mesmo, esperava que os seus o acompanhassem, mas sempre encontrou forma de desculpar a fraqueza humana. Seu espírito de doação ao próximo fez com que utilizasse parte de seu salário como professor da UFRGS para custear os estudos universitários de umas 15 jovens do interior que, em paga, cuidavam da residência do frei. Outra parte destinou-a ao trabalho dos papeleiros. E só Deus sabe quantos ex-frades contaram com seu auxílio na hora da necessidade.

Dentro de seus ideais franciscanos, o frade Rovílio Costa deu o melhor de si como sacerdote, foi acima de tudo padre, um padre para todos. Confessar, visitar doentes, levar a comunhão foi o que ele mais fez na vida. E atendia a todos os que encontrava, não perguntando por convicções religiosas. “Todos são filhos de Deus”, costumava dizer. Os maçons o elogiavam, e ele uma vez me disse: “Sabe, fala-se muito mal da Maçonaria em certos círculos católicos, mas o Grão-Mestre X é das pessoas mais corretas que jamais vi em minha vida”. Os judeus eram seus amigos. A Umbanda o condecorou. Considerava os luteranos e os anglicanos como católicos a seu modo. Inúmeras vezes falou-me do importante trabalho que as Igrejas pentecostais realizam nas favelas e nas vilas mais pobres. E uma vez me comentou que, ouvindo um importante intelectual de Porto Alegre, este lhe dissera ser ateu e que admirava os que tinham fé, ao que ele respondeu: “A fé é um dom de Deus. Talvez os que praticam o bem sem ter fé mereçam de Deus um amor de predileção”.

E como visitava os doentes. No domingo, após a missa das 10 horas, tinha uma lista dos que desejava encontrar em algum hospital. Durante a semana, sempre arranjava tempo para visitar os enfermos e, por vezes, eram cinco ou mais visitas a serem feitas. Certa vez me



contou que foi chamado por um senhor espírita que se achava acamado e muito doente. O enfermo contou-lhe toda a vida, dizendo que fora batizado, que se casara na Igreja, mas que há anos passara a frequentar o Espiritismo, e queria saber se poderia se confessar e receber a comunhão. Tendo ele dito que se sentia bem no Espiritismo, Frei Rovílio observou-lhe que a gente deve praticar o bem como manda a própria consciência. Perguntou-lhe depois se cria em Jesus Cristo, nosso Salvador, ao que o enfermo disse que sim. E então o frei concluiu: “O senhor já se confessou comigo, agora vou dar-lhe a absolvição e depois a comunhão”.

Os que socorreram frei Rovílio em seus instantes finais, encontraram no bolso do casaco as hóstias consagradas que ele pretendia levar aos doentes a serem visitados naquela manhã. Mas, em vez de ir ao encontro dos doentes, foi ao encontro do Senhor, que lhe deve ter dito: “Vem, bendito de meu Pai, entra no reino que te foi preparado, porque tive fome e me deste de comer; tive sede e me deste de beber; era peregrino e me acolheste; nu, e me vestiste; enfermo, e me visitaste; estava na prisão e vieste a mim, porque todas as vezes que fizeste isto a um desses meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizeste” (*Mt 25, 34-40*).

Penso que o maior elogio feito a ele proveio de um grupo de moradores de rua que, ao saberem de seu falecimento, foram até a Igreja de Nossa Senhora do Líbano e disseram ao pároco, Mons. Urbano Zilles: “Padre, nós estamos tristes. Nós perdemos um amigo”.

LUIS ALBERTO DE BONI  
E-mail: <ladeboni@gmail.com>